

CONFISSÃO POSITIVA: TRAÇOS DO DISCURSO DE KENNETH HAGIN EM PREGADORES MIDIÁTICOS CONTEMPORÂNEOS.

*André dos Santos Falcão Nascimento**

<http://lattes.cnpq.br/5767973058116135>

Resumo

Este artigo busca definir o conceito de Confissão Positiva, um dos pilares da pregação neopentecostal, grupo religioso que mais cresce no Brasil. Para tal, expõe o discurso de seu propagador inicial, Kenneth Hagin, segundo a sistematização de Alan Pieratt, e o compara a textos de diversos pregadores contemporâneos, comprovando que não é um discurso estanque, mas sim uma mensagem totalmente difundida no meio *gospel* da década de 2010. A metodologia de pesquisa é bibliográfica, com discursos extraídos de revistas, livros e textos publicados na *internet* de autoria comprovada, comparando-se as suas mensagens com os principais postulados defendidos por Kenneth Hagin e seu maior propagador no Brasil, RR Soares.

Palavras-Chave: Teologia da Prosperidade; Confissão Positiva; Cristianismo contemporâneo; Kenneth Hagin; RR Soares.

* Pastor Auxiliar na Primeira Igreja Batista no Grajaú, Rio de Janeiro, RJ. Pós-graduando em Teologia Bíblica e Sistemática Pastoral e graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro.

Abstract

This article seeks to define the concept of Positive Confession, one of the pillars of the neopentecostal preaching, which is the religious group that grows the most in Brazil. For that, it exposes the speech of its initial propeller, Kenneth Hagin, according to the systematization of Alan Pieratt, and compares it to texts of several contemporary preachers, proving that it's not an isolated speech, but a completely divulged message in the gospel media in the 2010 decade. The research methodology is bibliographical, with speeches taken from magazines, books and internet texts of authentic authorship, comparing its messages with the main postulates defended by Kenneth Hagin and its biggest propeller in Brazil, RR Soares.

Keywords: Prosperity Theology; Positive Confession; Contemporary Christianity; Kenneth Hagin; RR Soares.

Introdução

O relacionamento entre o homem e Deus sempre esteve no cerne da teologia cristã histórica. O fiel era estimulado a orar e pedir a Deus atenção por seus desejos e clamar por proteção para si e para seus próximos. Quando não pedia diretamente ao filho de Deus por tais dádivas, clamava indiretamente a outras pessoas

historicamente consideradas santas, por terem um resíduo de graça divina que poderiam conceder a seus seguidores.

Nos últimos anos, porém, emergiu um novo paradigma de relacionamento com Deus no meio das comunidades neopentecostais, sendo acompanhado por igrejas de diferentes confissões, até mesmo históricas, sem que percebam: A Confissão Positiva. Esta doutrina, estranha aos reformadores e principais teólogos protestantes de séculos passados, coloca todo o poder místico do atendimento das preces do fiel em seus próprios ombros, retirando de Deus a autonomia e soberania para decidir se tal prece deve ou não ser atendida.

A Confissão Positiva, apesar de ser relativamente nova, tem sua origem devidamente rastreada aos escritos do pastor americano Kenneth Hagin, proeminente pregador e autor que correu as igrejas americanas durante a décadas de 1950 e 1960. Hagin foi o responsável por formular o seu conceito, apresentando-a como uma fórmula mágica que, ao ser devidamente seguida, levaria o cristão a ter os maiores desejos de seu coração realizados.



O objetivo desse artigo é apresentar a visão de Kenneth Hagin sobre a Confissão Positiva, utilizando como base o trabalho de Alan Pieratt, *O Evangelho da Prosperidade*, e fazer pontes com mensagens e obras de alguns nomes conhecidos do meio evangélico contemporâneo, buscando relacioná-las com os cinco aspectos que compreendem a teoria de Hagin: O conhecimento dos direitos do crente, a firmeza de sua fé, o uso místico do nome de Jesus Cristo, a ausência de dúvida e a confissão em voz alta. Ao fazê-lo, pretendemos mostrar que esta teologia está totalmente disseminada no meio evangélico contemporâneo e que não é mais estranha ao fiel comum.

Uma fé incompleta – definindo a Confissão Positiva

O neopentecostalismo apresenta-se em geral ao mundo como sendo uma visão mais aperfeiçoada da fé cristã. Colocando as visões anteriores como falhas, o neopentecostal afirma ter a visão e a interpretação corretas das Escrituras para trazer uma solução para os problemas do crente.

Esta nova visão apresenta-se principalmente com a roupagem do “aqui e agora”. O objetivo do cristão deixa de ser “buscar as coisas do alto” e passa a ser buscar a satisfação de seus desejos materiais. Em recente entrevista para a revista Piauí, Silas Malafaia, muito criticado por recente mudança de postura ao enfatizar pedidos de oferta em troca de bênçãos materiais, explicou tal visão:

Antes era: céu, céu, lindo céu, quando eu morrer eu vou ter tudo, mas enquanto isso, aqui na Terra, eu serei um lascado, todo ferrado. Mas a Bíblia fala da vida abundante, de a pessoa conquistar e ser feliz aqui e agora (MALAFAIA, *apud*. PINHEIRO, 2012).

Esta teologia, portanto, postula que o Reino de Deus, prometido por Jesus aos que Nele cressem, pode ter suas riquezas desfrutadas pelo fiel ainda na Terra. Esta ideia é difundida por diversos pregadores modernos conhecidos:

O Reino de Deus é também violência espiritual. O reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam, se apoderam dele. Jesus falou na oração que nos ensinou que devemos pedir para que o

Reino venha: “*Venha o teu reino.*” (Mateus 6.10.) Se você pode pedir para que o Reino de Deus venha, isso quer dizer que você não deve esperar pelas suas bênçãos apenas no céu, pela manifestação futura da era vindoura. O Reino de Deus é também aqui, agora, no sentido do cumprimento da sua vontade em nossa vida (VALADÃO, 2010a, p. 8).

Dentre as técnicas responsáveis por fazer o cristão receber estas bênçãos, a Confissão Positiva seria a fórmula pela qual o crente teria condições de vencer todo sofrimento que assola a sua vida. Divulgada por Hagin ao longo da década de 50, esta fórmula é definida por Jungblut (1997, pp. 47, 48) como sendo a “fé incondicional na realização da solicitação associada ao emprego de vocábulos corretos que expressem a sua legitimidade bíblica”.

Outra definição, apresentada por Paulo Romeiro e extraída do *Dictionary Of Pentecostal And Charismatic Movements* (Dicionário dos Movimentos Pentecostal e Carismático) diz que “a expressão “Confissão Positiva” se refere literalmente a trazer à existência o que declaramos com nossa boca, uma vez que a fé é uma confissão” (ROMEIRO, 1993, p. 21).

Simões também extrai deste dicionário uma definição para o termo em seu trabalho sobre o Movimento G12, que faz vasto uso da teoria em seus encontros evangelísticos:

A “Confissão Positiva” [...] é a crença que a palavra proferida tem um ‘poder criador,’ ou seja, *o trazer à existência aquilo que nós declaramos com a nossa boca, uma vez que fé é confissão* [...] é a prática de materializar bênçãos almeçadas e aspirações através da *declaração* (SIMÕES, 2000, p. 40, grifos do autor).

Ou seja, fica claro para os estudiosos que a Confissão Positiva é o ato do fiel de tentar materializar no espaço físico aquilo que ele deseja, seguindo uma série de passos indispensáveis para que ela ocorra. Como este trabalho apresenta, esta fórmula não é alheia ao meio cristão, estando difundido entre os principais pregadores da mídia *gospel* nacional.

O primeiro pilar: conhecimento de nossos direitos

A Confissão Positiva pregada por Kenneth Hagin apóia-se inicialmente, segundo Pieratt (1993, p. 62), no fato de que, supostamente, o sofrimento do cristão se deve ao fato de que ele desconhece os seus direitos. RR Soares, principal propagador da obra de Kenneth Hagin no Brasil, comenta sobre isso:

A idéia generalizada no seio da Igreja é que é Deus quem faz os milagres. O que é completamente verdadeira. Mas, ao estudarmos mais profundamente este assunto, veremos que, de fato, Deus já fez a parte dEle; agora somos nós que temos de fazer a nossa. Como? Exercendo os nossos direitos. Se não fizermos a nossa parte, o Senhor não a fará por nós. Por isso, é muito importante conhecer os nossos direitos (SOARES, 2001, p. 24).

Para estes pregadores, a Bíblia traria inúmeras histórias e afirmações que justificariam a visão de que o crente pode e deve exigir de Deus que ele seja abençoado nesta vida. Soares (2001, p. 26) defende esta visão, citando Ef. 1.3, 2 Pe. 1.3 e Is. 53.4,5:

Quando digo que temos direito de desfrutar saúde, viver afastado de pecados e prosperar, não estou me baseando em alguma promessa do Senhor. É claro que na Bíblia existem várias promessas de Deus de curar o Seu povo, principalmente o judeu, que antes da vinda de Jesus era o povo dEle, bem como promessas acerca da fidelidade do dízimo e várias outras. Mas, estou me referindo a certas declarações que o Senhor Deus fez na Bíblia Sagrada, que nos garantem que as bênçãos nos pertencem.

Para justificar esta teoria, os adeptos da Teologia da Prosperidade interpretam o texto bíblico de forma heterodoxa. Um exemplo é a tentativa de alguns pregadores de justificar a busca por riquezas e posses neste mundo reinterpretando a vida de Jesus. A lógica é que, se Jesus teve posses neste mundo, nós também podemos ter. Romeiro cita algumas dessas interpretações em sua obra (1993, pp. 37-39).

Outros pregadores interpretam alegoricamente os textos bíblicos, sem se importar com seu contexto original ou sua real intenção teológica, para encontrar estas declarações ou direitos:

Meu amado irmão, quando Deus quer agir, quando Deus quer operar em nossa vida Ele dá ordem onde existe o caos. É o que diz em Gênesis. O início do capítulo diz: "A Terra era sem forma e vazia". [...] O que o texto diz é que o planeta era caótico, feio, é o que diz o texto, aí Deus começa agir e nada o impede de mudar aquele quadro. Deus agindo no caos, na desordem, começa a dar forma e ordem. Interessante o contraste, entre o início do capítulo 1 de Gênesis "A terra era sem forma e vazia", caótica, e o final do capítulo 1 que é o versículo 31 que diz assim: "Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom". Entre o versículo inicial e o final, Deus quando age transforma o caos em algo muito bom. Meu irmão, o mesmo Deus que do caos, do feio, daquilo que não tinha ordem, agiu, dando ordem e forma ao vazio, é o Deus que vai transformar tudo em sua vida manifestando o milagre que tanto você deseja (ROCHA, 2011a).

Hoje a expressão sair da nossa terra e da nossa parentela pode ser interpretada como sair da nossa vida pequena, da vida tacanha. O Senhor tem uma vida linda, formosa, extraordinária para cada um de nós. Sai – foi esta a ordem imperativa que o Senhor deu a Abraão, meu irmão largue a vida de depreciação, auto comiseração, e o Senhor vai abençoar a tua vida, a tua família! (COELHO, 2011)



Esses direitos, após identificados, passam a ser a chave para se conseguir que as dádivas que o fiel deseja sejam realizadas. Segundo Hagin (2005, p. 27), “não precisamos esforçar-nos para ter fé. É simples questão de reivindicar os nossos direitos e de usar com ousadia aquilo que sabemos pertencer-nos”.

Este discurso pode ser identificado em alguns pregadores contemporâneos. Por exemplo, Márcio Valadão, líder da Igreja Batista da Lagoinha, afirma que:

talvez você pergunte: *“Como posso viver esta vitória?” “Como o Senhor tem dito que nós somos mais do que vencedores?”* No livro de Oséias capítulo 4, versículo 6, Ele diz que: *“O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento [...]”* É a falta do conhecimento da sua posição, da sua autoridade no Senhor, que vai determinar se você será um derrotado, um vencedor ou mais do que vencedor. [...] O desejo do coração do Pai é que todos os seus filhos realmente honrem a obra da morte e da ressurreição do Senhor e a vinda do Espírito Santo, assumindo toda a riqueza que Ele nos delegou por meio desse feito maravilhoso, o de nos fazer mais do que vencedores (VALADÃO, 2010b, pp. 9, 10, grifo do autor).

Percebe-se, nesse pilar, o início de uma visão antropocêntrica na relação entre o homem e o sagrado. Segundo o paradigma da Confissão Positiva, Deus já realizou a sua obra através de Jesus e, agora, cabe ao homem, conhecendo seus direitos divinos concedidos pelas promessas bíblicas, tomar posse do que é dele. Esta ideia de uma iniciativa humana na busca pela bênção também pode ser vista no discurso *gospel* contemporâneo:

Alguns querem resolver e dizem “é para ontem!”, mas existe ontem? Deus sabe de Todas as coisas e a melhor coisa a se fazer é temer a Deus, amá-lo acima de tudo, amar ao seu próximo como a sua própria vida e respeitar, andar na integridade, na fidelidade, sem desesperar. Não queira ser super-homem, mulher-maravilha, tema a Deus, sirva a Deus e Ele vai te colocar onde **você quer**. Só isso. Não é preciso muita coisa (SANTIAGO, 2011, grifo nosso).

Eu quero te dizer agora meu irmão: O Senhor te chamou para viver uma vida formidável! Existem pessoas que nasceram pra ser uma “BMW” e tem vivido uma vida de “Fusquinha”. A maioria das pessoas não vive uma vida formidável porque pensam da maneira errada (COELHO, 2011).

Pouca gente sabe que para o milagre acontecer tem de haver uma operação conjunta entre a criatura e o Criador. Nenhum milagre descrito na Bíblia ocorreu apenas da parte de Deus. Se observarmos cuidadosamente, verificaremos que cada um deles teve a participação do ser humano conjugado com Deus (MACEDO, 2011).

Entretanto, para esses pregadores, o conhecimento dos direitos é apenas a primeira parte da caminhada rumo à obtenção da dádiva que o fiel deseja. Após conhecer esses direitos, ele precisa dar um passo firme, um passo de fé, ousado, para alcançar o que deseja.

O segundo pilar: firmeza da fé

Após o conhecimento das promessas divinas, o cristão deve demonstrar fé para alcançar as bênçãos divinas. Entretanto, esta fé não deve ser comum. A fé “comum”, ou “fé da sorte”, é definida por Soares, citado por Pieratt (1993, p.70), como sendo a fé em que “a gente ora, se Deus responder, ficamos alegres, pois recebemos a bênção. E, se a resposta não vier, a gente não fica

zangado. Afinal, temos recursos humanos que nos ajudam a aliviar o fardo”.

Ao contrário, o cristão deve ter uma “fé de qualidade”, onde o cristão passa a ter o direito de exigir o seu cumprimento em sua vida. Ou seja, conforme Pieratt descreve,

A verdadeira fé não fica simplesmente esperando para ver se Deus irá responder à oração. Ela exige seus direitos e pressupõe que eles foram respeitados por causa da força da oração feita. Portanto, a verdadeira fé tem três características: 1) exige seus direitos; 2) exige-os em nome de Jesus; 3) nunca duvida (PIERATT, 1993, p. 70).

Esta “exigência” da parte do fiel em relação à divindade, quanto ao cumprimento das promessas bíblicas, possui outras terminologias, como “determinar” ou “tomar posse” da bênção, e possui embasamento exegetico, segundo Hagin (citado por PIERATT, 1993, p.71) e Soares em um erro de tradução de João 14.13. Segundo Soares:

Aqui está a grande revelação. Esta palavra pedirdes está mal traduzida. Deveria ter sido traduzida por determinardes. O verbo traduzido na língua grega por pedir tem o sentido de determinar, exigir, mandar. Em



outras palavras: Não precisamos pedir ao Senhor a bênção, e sim exigir que ela se manifeste em nossa vida (SOARES, 1990, p.9).

O discurso de Hagin pode ser identificado em várias instâncias. Soares, por exemplo, ao explicar Mc. 11.23, afirma que precisamos “falar ao monte” para que se mova:

Nós temos que falar ao monte, ao problema, à miséria, à doença, à dor, que saiam de nossa vida. O que remove montanhas é a nossa palavra. [...] A Palavra de Deus? Não, a nossa. É claro que a fé é necessária. Ela é o primeiro passo para a vitória. Mas, se alguém der o primeiro passo e não der o segundo, a obra não será feita. Após termos fé em Deus, temos que falar à montanha. Costumo exemplificar assim: "A fé é o combustível, a palavra é o veículo. Nenhum veículo anda sem combustível e nenhum combustível remove montanhas" (SOARES, 2001, pp. 15, 16).

Outros pregadores tecem comentários semelhantes sobre a necessidade de se ter uma fé extraordinária. Um em especial comenta, ao analisar Mt. 14.25-33:

Não fique no barco: Obviamente esse é o momento de maior crise: sair do barco.

Agora é hora de colocar em prática, de andar nas águas. Se nós não sairmos do barco nada vai acontecer. Pedro desceu do barco. Se ele não sáísse, jamais experimentaria o sobrenatural de Deus. Uma vez que o Senhor chamou, saia do barco! Uma vez que você obedeceu ao sobrenatural [, ele] acontece. [...] A comodidade pode nos fazer ficar no barco. Os acomodados não experimentam, não desfrutam do sobrenatural de Deus. Sair do barco é vencer a tradição, pois o normal é andar nas águas de barco. A incredulidade também pode nos prender a recusar de sair do barco. (ROCHA, 2011b).

Uma variação desta fé de qualidade, segundo Romeiro, é a pregada por Paul Yonggi Cho. Em sua obra *A Quarta Dimensão*, Cho afirma que Deus só atende nossos pedidos se visualizarmos e pedirmos a Ele algo bastante específico (1980, p. 19). Entretanto, o fato é que, em todos os casos, a firmeza da fé do cristão é o guia que permite que ele continue na caminhada. Esta fé, porém, precisa ser verbalizada, e não pode vir sem a evocação do nome de Jesus.



O terceiro pilar: O Nome de Jesus

Dentro da sistemática operacional da Confissão Positiva, um dos passos mais simples para o fiel é a utilização mística do nome de Jesus Cristo como força ativadora do mundo material. Segundo Pieratt, conforme essa teologia, “ao cristão não basta apenas compreender seus direitos e exigi-los de Deus; ele também precisa fazer isso utilizando a expressão ‘em nome de Jesus’” (PIERATT, 1993, p. 72). O próprio Hagin explica a situação:

Há uma chave à oração que destravará as portas e as janelas do céu e satisfará todas as nossas necessidades... Jesus mandou pedir ao Pai em Seu Nome. Essa é a chave que destravará o céu em nosso favor (HAGIN, apud. PIERATT, p. 72).

A lógica por trás do pensamento de Hagin é expressada em termos jurídicos. Segundo ele, a utilização do nome de Jesus para a recepção de bênçãos seria como a utilização de uma procuração, onde Jesus daria os seus poderes ao fiel.

A oração deve ser dirigida ao Pai em nome de Jesus. Essa é a chave para

recebermos a resposta às nossas orações... Jesus nos deu a procuração, ou o direito de usar o Seu Nome. Usamos o Seu Nome, quando oramos em favor das nossas necessidades individuais e quando lidamos com o diabo (HAGIN, 2005, p. 24).

Esta terminologia é copiada por Soares, em uma de suas obras:

Quando usamos o Nome de Jesus sobre a revelação da Palavra de Deus, o poder de Deus atende à nossa ordem, tal como atendia às ordens de Jesus. Usar o Nome de Jesus é agir como Seu procurador (SOARES, 2001, pp. 37, 38).

Além de terminologia jurídica, Hagin também utilizou terminologia econômica para demonstrar como funcionava a relação entre Deus e o homem, com o nome de Jesus Cristo entremeando a troca:

Use este Nome com a mesma liberdade que você usa seu talão de cheques. O dinheiro já está depositado, você emite o cheque sem exercer qualquer fé especial; ou seja: você não está consciente de exercê-la — embora você a esteja usando (HAGIN, apud. PIERATT, p. 73).

Esta visão de Hagin sobre o poder do nome de Jesus foi plenamente reproduzido por Soares no Brasil. Sobre a importância da utilização verbalizada do nome de Jesus para a realização dos desejos do crente, Soares afirma que:

No mundo espiritual, nada irá funcionar a nosso favor se não utilizarmos os recursos, o poder e a autoridade do Nome do nosso Redentor. Ao usarmos o Nome de Jesus, temos acesso a Deus, somos atendidos pelo poder celestial e, neste Nome, amarramos todas as forças diabólicas. Quando usamos este Nome sobre as doenças ou qualquer outro mal, podemos estar certos de que derrotamos o mesmo (SOARES, 2001, p 36).

Outro pregador moderno que apóia este uso místico do nome de Jesus para realização das bênçãos divinas é Marcio Valadão, quando afirma que “as armas ofensivas” espirituais são “o nome de Jesus, a Palavra da fé, o louvor e a adoração. Faça uso destas armas e não permita que o inimigo encontre brechas na sua vida” (VALADÃO, 2010a, p.36).

Nessa mecânica de relacionamento com o Sagrado, o poder deixa de estar em Deus para passar ao homem, através do poder delegado por Jesus ao fiel pela utilização

de seu nome. Segundo Pieratt, nessa mecânica, “Deus retira-se para as sombras, enquanto nosso acesso às leis espirituais coloca-se em primeiro plano” (PIERATT, 1993, p. 75). Coelho Filho também comenta sobre esta mecânica, usando terminologia contextualizada:

O nome de Jesus é mostrado como se fosse uma senha para acessar o *site* dos milagres divinos e fazer um *download* do milagre que necessitamos. Fica até mesmo a impressão de que Jesus é apenas um nome, não uma pessoa, uma pessoa eterna, autoexistente e sempre existente, mas apenas um nome místico e mágico (COELHO FILHO, 2000, p. 65)

Fica claro, portanto, que a utilização do nome de Jesus é uma apropriação mística do signo “Jesus” para dar validade ao pedido do cristão. O signo passa a ter poder em si mesmo, dando autoridade para que Deus ative, no mundo material, aquilo que o cristão deseja possuir. Este pedido, porém, não pode ser um pedido inconstante, mas sim um pedido decidido, onde o cristão não deve apresentar qualquer traço de dúvida sobre a realização de seu intento.



O quarto pilar: ausência de dúvida

A fé é um dos fundamentos do movimento neopentecostal. Acreditar que a pessoa recebeu poder para ativar no mundo material os seus desejos é uma poderosa ferramenta de alcance popular. Entretanto, sempre surge uma dúvida nesta sistemática: E se a dádiva solicitada não for atendida? Foi por que Deus não quis atender, ou por que Deus não existe?

Para responder estas questões, Hagin sugeriu que a declaração em nome de Jesus não podia apenas ser ousada e nomeada corretamente, mas sim que ela precisava ser constante, com total ausência de dúvida. Como afirma Pieratt:

O tipo de fé que obtém resultados não apenas exige seus direitos em nome de Jesus, mas também faz isso de uma forma que nunca demonstra hesitação ou dúvida. A fé precisa ser segura de si mesma, tão segura que, ainda que pareça que o pedido não foi atendido, o fiel continua a fazer um quadro mental daquilo que ele quer e não pára de crer que obterá o que deseja (PIERATT, 1993, p. 76).



Mariano também analisa esta questão em sua obra sobre o Neopentecostalismo, ao dizer que:

Depende somente do crente receber ou não as bênçãos que confessa. Qualquer dúvida, por mínima que seja, manifesta quanto à realização do que confessou ou decretou, impossibilita o recebimento da bênção [...] Uma fé capenga, inevitavelmente, será responsabilizada pelo fracasso da confissão (MARIANO, 2005, p. 156).

Podemos identificar esta teoria em vários escritos de Hagin. Em um deles, Hagin declara, em um de seus sete passos para a oração atendida, que:

Seus pensamentos devem afirmar que você já recebeu a resposta dos seus pedidos. Nunca permita um quadro mental de fracasso em sua mente. Não duvide nem por um momento. Caso persistam as dúvidas, trate logo de repreendê-las [...] Concentre-se em coisas favoráveis à sua confissão em relação às respostas esperadas da parte de Deus (HAGIN, 2005, p. 12).

Soares mantém visão semelhante sobre a necessidade de haver ausência de dúvida quanto ao atendimento da exigência.

Porém, às vezes os sintomas ainda perduram por um pouco de tempo, apesar do diabo ter sido derrotado. É uma de suas últimas tentativas. Algumas vezes, ele vem e cochicha no nosso pensamento e nós nem nos apercebemos de que é ele. Ele sugere: "Bem, esta doença é diferente... este caso é mesmo difícil... esta doença é para os médicos... basta tomar um remedinho e pronto... este problema não é tão grave assim, acho que posso carregá-lo..." O diabo é mestre em influenciar pessoas e enganar aqueles que não estão firmados na Palavra de Deus (SOARES, 2001, p.36).

Outros pregadores contemporâneos compartilham desta visão. Valadão comenta sobre a necessidade do cristão de ter certeza em sua fé, explicando que fé é certeza, e que, no momento em que você tem certeza, você começa a se apropriar das coisas (VALADÃO, 2010b, p. 13). Já Santiago compartilha uma história para ilustrar esta questão:

Lembro-me da história de uma senhora de Deus, fiel ao Senhor, mas que

infelizmente tinha a fé curta. É mais ou menos assim: Ela vinha pedindo ao Senhor que libertasse o marido do vício do álcool, contudo depois de pedir, ele apareceu com uma garrafa de cachaça em casa. Desesperada, reclamou: eu peço a Deus para libertar o meu marido e agora ele piora trazendo uma garrafa na mão? Então, depois disso, acabou desistindo de amar a Deus pelo marido. [...] Certo dia, essa mulher morreu, mas, como ela era fiel a Deus, foi para o Reino dos Céus. Chegando lá o Senhor mandou um anjo recebê-la. Quando ela estava chegando à calçada, o anjo foi conduzindo-a para uma linda mansão e aí ela pergunta: -Eu vou morar aqui? O anjo respondeu que sim e então, foi levando-a para uma sala e outra, porque todas estavam lotadas de pacotes. [...] Chegou uma hora em que ela perguntou ao anjo o que eram aqueles pacotes e que gostaria de abri-los. Então, o anjo ajudando a abrir alguns, ele dizia assim para ela: -Este pacote aqui era para a libertação do seu marido; este outro aqui, é a sua cura, este outro aqui é a cura familiar, porém, você não soube esperar para que eu lhe entregasse. Já estavam todos prontos, mas você desistia dos pedidos! (SANTIAGO, s.d.)

Vale notar que Hagin repudia a utilização do termo “se for da tua vontade” na oração. Para ele, a utilização deste termo demonstra dúvida sobre a capacidade do cristão de tomar posse de sua bênção através da confissão.

Comentando sobre o fato de Jesus falar, em João 16.24 que os discípulos pedissem coisas no nome Dele, Hagin afirma:

Que promessa espantosa sobre a oração! Mas, porque não entendemos o que Jesus disse e porque tivemos uma lavagem cerebral religiosa em vez de sermos ensinados pelo Novo Testamento, diluímos as promessas de Deus. Acrescentamos algo que Jesus não disse. Adicionamos outra coisa. "Deus fará, *se for a Sua vontade* - mas pode não ser a Sua vontade", temos dito. Não se acha este tipo de conversa no Novo Testamento. As pessoas têm concordado em ficar sem respostas à oração, dizendo: "Decerto, não era a Sua vontade, porque Ele não o fez. Se tivesse sido a Sua vontade, Ele o teria feito" (HAGIN, 1988, p. 13).

Soares (1997, p. 53) propaga esta idéia, ao afirmar que “não podemos duvidar no coração. Se disser que será curado ‘se for da vontade de Deus’, já estará demonstrando não ter fé no Senhor”.

Ou seja, para esta teologia, o homem deve adotar uma posição ativa em sua fé, mantendo-se firme e não duvidando de que Deus irá obedecer às suas exigências. Qualquer dúvida neste sentido leva o cristão a perder a

bênção em si. Esta fé deverá ser demonstrada com o passo final da fórmula da Confissão Positiva, que é a declaração, em voz alta, de que a bênção foi recebida, independente dos sintomas.

O quinto pilar: A Confissão em si

Após todos os passos apresentados acima, restaria ao cristão afirmar positivamente a sua conquista, declarando com fé a sua vitória em voz alta. Somente esta declaração tornaria a oração plenamente efetiva. Ou seja, para os pregadores da prosperidade, “a fé eficaz [...] despreza a evidência física e concentra-se na resposta que se deseja.” (PIERATT, 1993, pp. 79, 80).

Os exemplos desta mensagem são muitos. Paul Yonggi Cho, em seu livro *A Quarta Dimensão* (1980, p. 36), defende a noção de que a palavra do cristão possui um poder criativo no mundo espiritual. A palavra falada seria o material utilizado pelo Espírito Santo para criar coisas na nossa dimensão.

O próprio Hagin também defende este poder criativo da fé. Segundo ele, em outra obra citada por Pieratt:

pela fé entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus... Como Deus fez isso? Ele falou a Palavra, e aí estava a Terra... Ele falou, e assim foi. Aquela é a fé do tipo de Deus. Deus creu que aquilo que Ele falou se realizaria, e assim foi! (HAGIN, apud. PIERATT, p. 83).

Soares acompanha este pensamento, afirmando que foi a fé de Deus, e não seu poder, que gerou o universo:

Deus é um Deus de fé; Ele possui toda a fé, pois Ele é perfeito. No entanto, no início, quando o Senhor criou os céus e a terra, Ele não ficou dizendo para Si mesmo que tinha fé para criar o que quisesse e assim, numa hora destas, criaria uma porção de coisas. Ao contrário, diz a Bíblia que Ele, o Senhor, agiu segundo estes princípios que estamos estudando. (SOARES, 2001, p. 44).

E ainda, Valadão também apresenta esta noção em uma de suas obras, ao afirmar que a fé “é aquilo que você não vê, é aquilo que você não consegue detectar com seus sentidos naturais, mas que você pode chamar à existência”

(VALADÃO, 2010b, p. 13), e ao comentar que qualquer fiel “pode, pela fé, chamar à existência tudo, porque Deus chama à existência as coisas que não são como se já fossem” (VALADÃO, 2010b, p.26).

A ideia teológica por trás deste poder ativador estaria em uma interpretação exegética do termo “palavra”. Segundo os intérpretes da teologia da prosperidade, as duas expressões usadas no grego para dar a ideia de “palavra” (*logos* e *rhema*) teriam sentidos diferentes. Romeiro (1993, p. 49) cita Horton para comentar esta diferença:

Os ensinadores da fé inventavam uma falsa distinção de significado entre essas duas palavras gregas. Rhema, dizem eles, é a "palavra" que os crentes usam para "decretar" ou "declarar" a fim de trazer prosperidade ou cura para esta dimensão. É o "abracadabra". Depois vem logos, ou "a palavra de revelação" que é a palavra mística, direta, que Deus fala aos iniciados. O termo pode-se referir também à Bíblia, mas é geralmente empregado no contexto de sonhos, visões e comunicações particulares entre Deus e seu "agente". Assim, quando alguém lê uma referência na literatura do pregador da fé à "Palavra de Deus", ou "agir sobre a Palavra" e outras, o autor não está mais

se referindo à Palavra de Deus escrita, a Bíblia, mas, sim, ao seu próprio "decreto" (*rhema*) ou uma palavra pessoal de Deus para ele (*logos*).

Podemos notar que esta terminologia não é estranha a outros pregadores modernos, como Marcio Valadão (2010a, p.37), que afirma: “Querido leitor, impunhe [*sic*], sempre, a Palavra do Espírito, que é a Palavra Rhema de Deus”. Esta palavra de fé pode ser entendida como a palavra geradora que Cho defendeu, ao vermos esta passagem: “Toda ministração de Jesus era uma palavra de fé. Jesus não esperava que acontecesse outra coisa senão aquilo que ele falava. Gere no mundo espiritual de forma objetiva” (VALADÃO, 2010a, p.34).

Neste processo, a verbalização da confissão é vital.
Segundo Valadão:

Muitas pessoas creem, mas não verbalizam sua fé em Deus. Jesus lançou uma palavra de fé na figueira infrutífera para que murchasse, pois Ele teve fome e não encontrou fruto algum nela. Obviamente o resultado não poderia ser outro: a figueira murchou. Mas creio que os discípulos não creram muito que aquilo iria acontecer, pois ao passar pela árvore, Pedro disse: “*Mestre, eis que a figueira que amaldiçoaste secou.*” (verso

21.) Proclamar a palavra de fé é crer que vai acontecer aquilo que se está verbalizando. [...] A palavra de fé é crer. Temos muitos exemplos de homens e mulheres da Bíblia que lançaram palavras de fé. Elias pediu que descesse fogo do céu, e o fogo desceu. Também disse que por três anos não cairia uma única gota de chuva, e durante estes três anos o céu se fechou. Josué deu uma palavra para que o sol parasse, e o sol parou (VALADÃO, 2010a, pp. 33, 34).

Nesta cosmovisão, percebe-se que Deus assume um papel secundário na realização das bênçãos desejadas pelo homem. Conforme Soares (2001, p. 6):

Quantas pessoas passam o tempo todo sofrendo, enquanto oram pedindo a Deus que as cure, solucione os seus problemas, salve os pecadores e faça uma porção de coisas? Não sabem que na verdade é o Senhor que tem estado o tempo todo esperando que elas determinassem para que Ele pudesse fazer a obra.

Na visão de Soares, Jesus também não teria poder para realizar seus milagres se as pessoas que buscavam a ele não tivessem fé. Interpretando João 4.46-53, ele afirma:



Por que em alguns casos o Senhor dizia sim e ia com as pessoas, e em outros Ele recusava? A resposta é simples: quando Ele aceitava ir era, naquela situação, o que precisava ser feito; pois a Sua presença se fazia necessária. Mas, em relação ao pedido deste oficial, o Mestre sabia que, se fosse à sua casa, provavelmente o filho não seria curado. Pois, apesar de aparentemente serem iguais os problemas, aqui tratava-se de crer. [...] Observando o resumo bíblico, vemos que o Senhor tentou dialogar com o homem, mostrando-lhe que o mais importante naquela situação não era a Sua presença física em sua casa, mas uma decisão interior que, em qualquer situação, é o que determina se a bênção será alcançada ou não (SOARES, 1999, p. 7).

Conclusão

Ao encerrar este artigo, fica perceptível ao leitor que o discurso de Kenneth Hagin é reproduzido pelos grandes pregadores evangélicos expostos na mídia atual. Não há uma grande identificação entre eles, porém fica patente, ao analisar seus discursos, que há muitas semelhanças entre elas.

É claro que cada ministério apresenta o discurso em seu próprio invólucro, criando uma identificação

própria da comunidade com o discurso. Para a Igreja Batista da Lagoinha, por exemplo, o louvor possui papel fundamental na liberação de bênçãos na vida do fiel, enquanto, para a Igreja Mundial do Poder de Deus e para a Assembleia de Deus Vitória em Cristo, a ênfase maior está no papel da lei da sementeira (a teologia do “toma lá, dá cá”) na relação com Deus. Porém, após cumpridas as exigências, todos possuem o direito de proclamar a palavra de fé e declarar a bênção em suas vidas.

Este artigo procurou analisar a influência do discurso da Confissão Positiva sobre os principais pregadores midiáticos no Brasil do século XXI. Entretanto, existem muitos outros campos de pesquisa sobre o assunto, em especial o alcance desta teologia no meio protestante histórico. Duas abordagens possíveis são a influência do discurso da Teologia da Prosperidade no imaginário espiritual da membresia e a utilização de seus postulados por pregadores de igrejas e seminários de denominações conhecidamente tradicionais.

A grande pergunta que fica, ao encerrar este artigo, é o tamanho do alcance atual deste discurso no meio evangélico nacional. Em 2012, o IBGE deve divulgar os

microdados do Censo Demográfico de 2010. Somente então, poderemos ter uma ideia do quão bem sucedidos estes pregadores têm sido em seu intuito de divulgar suas crenças para a população brasileira.

Referências bibliográficas

CHO, Paul Yonggi. *A Quarta Dimensão*. São Paulo: Editora Vida, 1980.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Neopentecostalismo: uma avaliação pastoral*. Campinas: Autor, 2008.

COELHO, Silmar. *Uma vida formidável*. Disponível em <<http://www.creio.com.br/2008/mensagens01.asp?noticia=898>>. Acesso em 02 NOV 11 às 10:51.

HAGIN, Kenneth. *A oração que prevalece para a paz*. Trad. Gordon Chown. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2005.

_____. *O nome de Jesus*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1988.

JUNGBLUT, Airton. *A “Guerra Santa” de evangélicos contra o neopentecostalismo*. Debates do NER, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 46-52. Novembro de 1997.

MACEDO, Edir. *Fé e sacrifício*. Disponível em <<http://www.creio.com.br/2008/mensagens01.asp?noticia=899>>. Acesso em 02 NOV 11 às 11:31.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2ª. Ed. São Paulo: Loyola, 2005.

PIERATT, Alan B. *O Evangelho da Prosperidade*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

PINHEIRO, Daniela. *Vitória em Cristo*. Revista Piauí, edição no. 60, disponível em <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-60/anais-da-religiao/vitoria-em-cristo>>. Acesso em 03 NOV 11 às 22:42.

ROCHA, Marcio. *Agindo Deus, quem impedirá?* Disponível em <<http://www.creio.com.br/2008/mensagens01.asp?noticia=856>>. Acesso em 02 NOV 11 às 12:12.

_____. *Impossível é a semente do meu milagre*. Disponível em <<http://www.creio.com.br/2008/mensagens01.asp?noticia=864>>. Acesso em 02 NOV 11 às 13:10.

ROMEIRO, Paulo. *Super crentes*. O evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

SANTIAGO, Valdemiro. *O valor do homem para Deus*. Disponível em <<http://www.creio.com.br/2008/mensagens01.asp?noticia=892>>. Acesso em 02 NOV 11 às 11:11.

_____. *Sem fé é impossível agradar a Deus*. Disponível em <http://www.impd.org.br/portal/mensagens_impd.php?id=33>. Acesso em 02 NOV 11 às 14:49.

SIMÕES, Ulisses H. *Encontro, G-12 e Igreja em Células: uma avaliação crítica*. Belo Horizonte: Autor, 2000.

SOARES, R.R. *A importância de crer*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1999.

_____. *Como tomar posse da bênção*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1997.

_____. *Curso fé*. 12 lições com perguntas e respostas. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2001.

VALADÃO, Marcio. *As armas do nosso combate*. Disponível em <http://www.lagoinha.com/portal/images/stories/img/pub/ebooks/pr_marcio/ebook_159.pdf>. Acesso em 01 NOV 11 às 14:49.

_____. *Mais que vencedores*. Disponível em <http://www.lagoinha.com/portal/images/stories/img/pub/ebooks/pr_marcio/ebook_127.pdf>. Acesso em 01 NOV 11 às 23:39.